

MOLDE DE FUNDIÇÃO ENCONTRADO NO CASTRO DE S. BENTO (ÉVORA)

Por

D. FERNANDO DE ALMEIDA

e

O. DA VEIGA FERREIRA

No decorrer de estudos a que estamos procedendo no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos), em Belém, viemos encontrar, no meio de uma enorme quantidade de achados de superfície de toda a ordem e de várias idades, um pequeno molde para fundição, objecto desta nota.

Como se sabe os moldes de fundição, quer de metal, quer de pedra, não são muito abundantes. No nosso País podemos apontar, até ao presente, o molde de foice do Casal de Roncanes (Cacém), que foi encontrado pelo geólogo Paul Chofatt e mais tarde admiravelmente estudado por Joaquim Fontes ⁽¹⁾. Pertence hoje à colecção do Museu Nacional de Arqueologia estando em exposição numa das vitrinas da sala de entrada. Carlos Teixeira ⁽²⁾ estuda depois um molde bivalve de bronze para machados de duplo anel, que se pode ver no Museu do

(¹) Joaquim Fontes, «Sur un moule pour faucilles de bronze provenant du Casal de Rocanes», *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*, T. VII, Lisbonne, 1916. Reeditado em *O Archeologo Português*, XXI, p. 337.

(²) Carlos Teixeira, «Molde de fundição para machados de bronze de duplo anel». *Trab. Soc. de Antrop. e Etnol.*, vol. IX, fasc. 1-2, p. 126, Porto, 1939.

Instituto de Antropologia Doutor Mendes Corrêa da Universidade do Porto. Em 1957, A. Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira (3), observaram um novo molde de fundição encontrado no Castro da Senhora da Cola durante os reconhecimentos arqueológicos feitos na área de Aljustrel-Ourique-Castro Verde-Almodôvar.

No estrangeiro, a começar pela Espanha, teríamos que referir o que tem aparecido tanto no Norte, como no Sul (4).

Também pela França, Suíça, Itália, Inglaterra, etc., se têm encontrado moldes de fundição de várias épocas (5).

O molde, objecto desta nota, de que passamos a dar a descrição é, portanto, mais uma achega preciosa para o conhecimento da metalurgia na antiguidade.

É constituído por um pequeno bloco rectangular de xisto anfibólico negro, muito duro e foi aproveitado posteriormente para outro fim diverso que não descortinamos qual fosse. Serviu para moldar, por fusão, alfinetes de cabeça redonda, tipo lusitano-romano (*Acus*), e para pequenas pérolas ou contas que, tanto poderiam ser de metal fundido (bronze) como de vidro. Como se vê na gravura, a peça seria muito maior, mas foi cortada tendo quase destruído um dos moldes de alfinete, que ainda se vê só em metade.

Por cima das moldagens existe um furo que não atravessa a pedra de um lado ao outro, e que, pensamos, seria para talvez fixar o molde a uma tábua. O exemplar mede: comprimento, 60 mm; largura, 20 mm; espessura, 18 mm; diâmetro do molde das contas, 8 mm; comprimento actual do alfinete, 38 mm; espessura, 2 mm.

(3) A. Viana, O. da Veiga Ferreira e R. Freire de Andrade, «Molde de fundição para anéis encontrados no Castro da Senhora da Cola (Ourique). *Rev. Guimarães*, vol. LXVII, Guimarães, 1957.

(4) Ver, por exemplo, a Est. 27 do Album de Siret — Las primeras edades del metal en el sudeste de España, na *Historia de España*, dirigida por Menendez Pidal, Tomo I, vol. 1, p. 759, fig. 581. Ver ainda os moldes em Juan Cabré (*Historia de España*, Tomo I, vol. I, p. 807, fig. 633) — e também os moldes do Castro pequeno, Punta de Neixon, Arosa, província de Orense (*Memórias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, vol. II, Est. XLVIII, p. 119), etc.

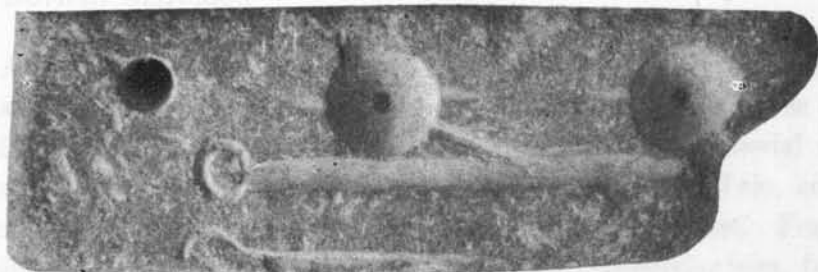
(5) J. Déchelette, «Âge du Bronze», *Manuel d'Archéologie*, Paris, vol. II, 1924, pp. 1811185.

Acerca da idade deste molde parece não haver dúvidas, quanto à época, por causa do tipo de alfinete obtido depois da moldagem. São frequentes estes alfinetes de bronze desde a segunda metade do Século I a. C. até ao fim da época romana.

Será assim o molde mais moderno que conhecemos em Portugal pois que os outros são: o molde da foice, da Idade do Bronze; o molde do machado, do Bronze Final e o molde da Senhora da Cola, possivelmente, da Idade do Ferro.

O local de onde provém o exemplar aqui estudado é um Castro do tipo dos castros alentejanos que foram influenciados desde, pelo menos, a época das feitorias gregas até à romanização: isso bem o demonstra, a cerâmica de tipo Campaniense A aparecida neles, como por exemplo, no Castro da Mesa dos Castelinhos (Santa-Clara-a-Moura) (7), Castelo da Lousa (8), etc.

De qualquer forma parece-nos interessante dar a conhecer mais este molde de fundição como achega para o conhecimento da metalurgia na antiguidade em Portugal.



Molde de xisto anfibólico negro do Castro de S. Bento (Évora)
(cerca de X 2)

(7) Abel Viana, O. da Veiga Ferreira e S. Serralheiro, «Apontamentos arqueológicos dos Concelhos de Aljustrel e Almodôvar», *XXIII Cong. Luso-Espanhol*, Coimbra, 1957.

(8) Materiais ainda inéditos no Museu Nacional de Arqueologia, em Belém.

(9) A. do Paço e J. Bação Leal, «Castelo de Lousa, Mourão (Portugal)». «Una fortificación romana de la margen izquierda del Guadiana». *Archivo Español de Arqueología*, vol. XXXIX, p. 167 e sg. Madrid, 1966.

RÉSUMÉ

Il s'agit d'un moule en schiste amphibolique destiné au moulage ou bien de têtes d'épingles à cheveux, rondes, de type lusitano-romain ou bien de petites sphères. Provient d'un «castro» des environs de Évora et appartient au Musée National d'Archéologie (Lisbonne).